



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UM DIÁLOGO COM A PRODUÇÃO ACADÊMICA

Autora: Rosângela da Roza; Orientadora: Benedita de Almeida

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - E-mail: rosangeladaroza@hotmail.com.br

Resumo: Este artigo se refere à pesquisa de mestrado em educação que toma a diversidade sexual no espaço escolar como objeto de investigação. Analisa como a temática em questão tem sido desenvolvida na academia brasileira. A pesquisa é bibliográfica e os dados obtidos são resultado de um levantamento no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no período de 2005 a 2015. Objetiva analisar a evolução temporal das produções; os programas de pós-graduação, assim como as áreas de conhecimento e perspectivas teóricas que mais se dedicaram ao tema. Foram encontrados 28 trabalhos. Eles demonstram que a diversidade sexual na escola tem se constituído, na atualidade, como objeto de estudo na academia, mas que a educação precisa se dedicar ainda mais para compreendê-la e explicá-la; apesar dos estudos sobre diversidade sexual e de gênero serem mais discutidos nas teorias pós-críticas o marxismo tem condições, igualmente, de investigar e explicar a realidade em que esse objeto está imerso. Acreditamos que o debate e a compreensão sobre as diferentes formas de viver e expressar a sexualidade possibilitarão à escola, assim como a sociedade de modo geral, a constituição de um espaço de respeito e valorização das singularidades.

Palavras-chave: produção acadêmica, diversidade sexual, escola.

1. Introdução

A diversidade sexual é discutida por diferentes estudiosos e perspectivas teóricas. Devido aos limites desse trabalho concentraremos nossas discussões a partir dos estudos realizados no Brasil, onde encontramos grandes referências que se dedicam há alguns anos para fundamentá-la e explicá-la cientificamente. Os conceitos sobre diversidade sexual se aproximam e se distanciam, dependendo do lugar teórico que o investigador se propõe estudar. E essa diversidade teórica nada mais é do que a forma pela qual faz sentido ao pesquisador compreender o seu objeto e o mundo que o cerca.

Neto, Zucco, Machado e Piccolo (2011) analisaram como o tema da diversidade sexual se desenvolveu na universidade brasileira, no período de 1987 a 2006, com base em um levantamento no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Constataram que ao longo desse período a diversidade sexual se consolidou como um tema de estudo no meio acadêmico, no entanto “[...] os dados confirmam empregos variados de denominações para tratar da diversidade sexual, nem sempre com o mesmo sentido ou com o mesmo nível de abrangência – categoria, conceito ou área de conhecimento” (NETO, ZUCCO, MACHADO e PICCOLO, 2011, p. 79).

No levantamento realizado, buscaram-se os trabalhos de pós-graduação *stricto sensu* que continham no título e/ou assunto as palavras: homofobia, diversidade sexual,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

homossexual, homossexualidade e lésbica. Foram encontrados 347 trabalhos. Dentre eles, 289 eram dissertações de mestrado e 58, teses de doutorado. A riqueza dos dados nos possibilitou uma ampla reflexão sobre os caminhos pelos quais a ciência percorreu levando consigo o tema da diversidade sexual. Mas, destacaremos àquele que nos provocou mais questionamentos e inquietações. Verificamos que apesar de a área¹ das Ciências Humanas liderar o número de pesquisas defendidas no período 1987 a 2006, com um total de 157 trabalhos na produção acadêmico-científica, a educação, área do conhecimento da qual fazemos parte, se mostrou limitada no que se refere ao desenvolvimento de investigações relacionadas ao tema da diversidade sexual. Representante de apenas 14,6% de toda a produção científica desse período, a educação: não defendeu trabalhos nos anos de 1987 a 1996; publicou apenas 2 pesquisas no período de 1997 a 2001; e a sua produção mais expressiva se deu, somente, a partir de 2002 com um total de 21 trabalhos científicos.

Embora o contexto histórico em que as pesquisas foram realizadas expressava-se como opressor, preconceituoso e violento - o que não potencializava a realização das mesmas - estas, apresentam contribuições e avanços para as discussões sobre a diversidade sexual. Também há de se considerar que certamente esses números contribuíram, significativamente, com a manutenção e naturalização de atitudes preconceituosas, discriminatórias e violentas com relação às pessoas que fogem aos padrões heteronormativos e fazem parte da comunidade escolar. Se a educação pouco tem se dedicado ao tema da diversidade sexual, então faltam subsídios teóricos para compreender e discutir essas questões nos cursos de formação de professores/as e no ambiente escolar. Nesse sentido, precisamos refletir: nossos/as professores/as e alunos/as terão condições de romper com essa cultura machista, desigual, injusta e heteronormativa sendo eles/as desconhecedores da história e das dimensões éticas, políticas, econômicas, biológicas e culturais da sexualidade?

Como forma de responder as questões suscitadas pelos estudos levantados anteriormente, nos propomos ao exercício de revisão de literatura sobre as discussões da diversidade sexual no espaço escolar com os objetivos de ampliar a compreensão desse tema e identificar se, na última década, houve maior interesse da subárea da educação no que se refere a esse objeto de estudo. Essa aproximação maior com a temática que nos instiga e, conseqüentemente, o amadurecimento do problema e dos objetivos da investigação nos ajudaram a encontrar os limites das pesquisas anteriores, ou seja, as contradições, as questões

¹ A CAPES classifica as Áreas do Conhecimento em quatro níveis, do mais geral ao mais específico, abrangendo as chamadas grandes áreas, áreas do conhecimento (área básica), subáreas e especialidades. Nesse sentido, a pesquisa realizada por Neto, Zucco, Machado e Piccolo (2011) e a nossa revisão bibliográfica, tomam como base a tabela das Áreas do Conhecimento da CAPES para a organização das produções acadêmico-científicas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

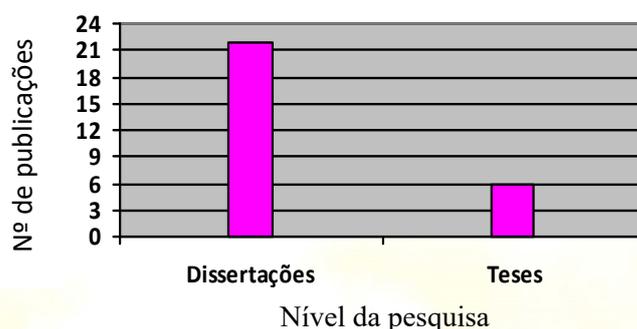
não respondidas, os campos não explorados e, por fim, o conhecimento necessário para a ampliação da compreensão do objeto estudado.

Para cumprirmos essa tarefa, elegemos o descritor: diversidade sexual na escola e realizamos um levantamento das teses e dissertações cadastradas nos Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação e/ou Psicologia das Instituições de Educação Superior (IES) do Paraná. Verificamos que nos últimos 10 anos (2005 a 2015) um número muito reduzido de pesquisas abordou o objeto que nos propomos investigar. Por esse motivo, decidimos manter o recorte temporal, mas ampliar nosso campo de investigação para os bancos de dados da CAPES e da BDTD. Nessa nova busca, localizamos, dentre teses e dissertações, um total de 74 produções acadêmico-científicas. Após a leitura do título, das palavras-chave, do resumo e do sumário desses trabalhos, constatamos que apenas 28 relacionavam a diversidade sexual com o espaço escolar.

Para a análise², os dados foram organizados de acordo com o nível de qualificação da pesquisa (doutorado ou mestrado), o ano de publicação (período de 2005 a 2015), a região do país e a instituição de ensino superior em que o estudo foi desenvolvido, a subárea de conhecimento (de acordo com a tabela de classificação da CAPES) e, por fim, o referencial teórico utilizado para conduzir a investigação.

No que se refere ao nível de qualificação da pesquisa, identificamos um número bem menor de teses de doutorado em relação às dissertações de mestrado: 22 dissertações de mestrado (78,5%) e 6 teses de doutorado (21,4%), conforme mostra o gráfico 1:

Gráfico 1 – Distribuição da produção acadêmico-científica sobre diversidade sexual na escola, segundo a publicação de dissertações e teses: Brasil, 2005 – 2015.



Fonte: Banco de dados da BDTD e da CAPES, 2016.

2. A evolução temporal das produções acadêmicas sobre diversidade sexual na escola e sua relação com as políticas educacionais

Esses trabalhos foram publicados na última década (período de 2005 a 2015) e o

²A escolha dos critérios para a realização da análise desses dados foi baseada no trabalho desenvolvido pelos pesquisadores Neto, Zucco, Machado e Piccolo (2011).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

número de produções anual apresentou variações. Em 2005 e 2006, por exemplo, nenhum trabalho foi defendido. Nos anos de 2007, 2008 e 2011 foram publicados apenas 3 trabalhos, sendo um por ano. Assim, o maior número de publicações ocorreu em 2009 e 2014 com, respectivamente, 5 e 6 produções. Nos outros anos, a média foi de 4 pesquisas por ano. Concluimos a partir desses dados que, apesar da oscilação no ritmo de produções, o número de pesquisas, sobre a diversidade sexual no espaço escolar, cresceu no Brasil.

Acreditamos que os movimentos sociais, as mídias e as políticas públicas contribuíram, significativamente, com o aumento da visibilidade da população LGBT e, conseqüentemente, das produções acadêmico-científicas sobre a diversidade sexual na escola. Os movimentos sociais e políticos, dessas minorias, tiveram início na década de 70 no Brasil e ganharam cada vez mais força e direitos de igualdade, não de modo linear, mas num contexto que envolve avanços, retrocessos e estagnações. Essas organizações requerem uma educação que assuma os princípios de valorização e respeito às diferenças. Um dos objetivos consiste em romper com a ordem heterossexista, normas e padrões sexuais construídos histórica e socialmente para vencer o preconceito, a discriminação e a violência sexual em todos os espaços sociais, inclusive na escola.

Atualmente, no Brasil, os conselhos (Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de LGBT - CNCD/LGBT); os eventos (Parada do Orgulho LGBT, Marcha das Vadias); as associações (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ABGLT); as conferências; os seminários; os fóruns e as rodas de conversa; se constituem como exemplos de atuações do movimento LGBT. Essas ações coletivas acontecem em espaços físicos e virtuais e dão visibilidade e sustentação às lutas da população LGBT e seus respectivos interesses atrelados aos direitos humanos.

As mídias têm sido utilizadas como uma ferramenta para divulgar a existência desses movimentos e suas reivindicações. Em contrapartida, estereótipos e expressões de preconceito e discriminação também estão presentes nesses espaços. As ações dos movimentos sociais implicam na elaboração de políticas públicas para ampliar os direitos da população LGBT. Entre elas estão as políticas públicas de educação voltadas para o gênero e para a diversidade sexual como, por exemplo, o Programa Nacional de Direitos Humanos.

O contexto no qual esses fatos ocorrem está permeado por contradições, conflitos e enfrentamentos. Dele emergem desafios teóricos e práticos que precisam ser compreendidos e superados. Nesse sentido, as produções acadêmico-científicas são fundamentais para a criação, a efetivação e a avaliação das políticas educacionais voltadas para a questão



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

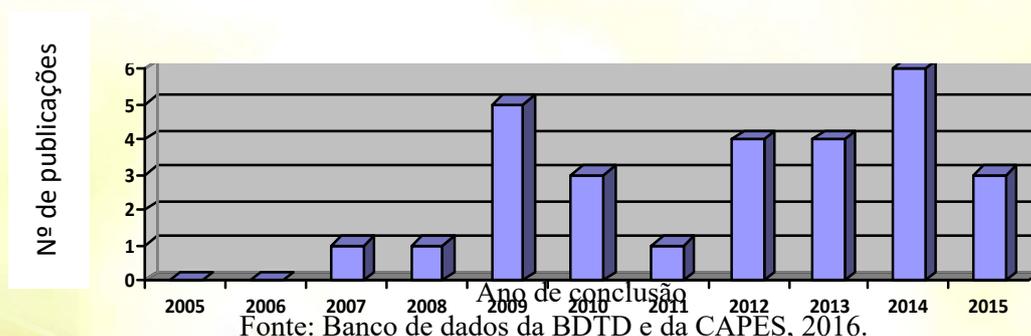
da valorização da diversidade sexual, respeito e garantia de direitos humanos. São as pesquisas, quantitativas e qualitativas, que contribuem com o fortalecimento das pautas dos movimentos sociais, potencializam os debates e reflexões no meio acadêmico, desconstruem ideias do senso comum e constroem conhecimentos fundamentados e teorizados, importantes para a formação de professores/as e alunos/as.

As estudiosas Meireles, Raizer e Margoto (2011) discutem a questão da diversidade sexual nas políticas educacionais brasileiras

A preocupação com as políticas públicas na área da educação com ênfase na diversidade sexual são consideradas tardias, uma vez que desde fins da década de 1920 se discute em âmbito nacional a pertinência do tema na escola. Neste lento processo, em vias de implementação em pleno século 21, estudantes que compõem o segmento populacional de travestis, lésbicas e gays são cotidianamente tratados como sujeitos de segunda categoria, porque *diferentes*. Neste processo, inúmeras (os) optaram por evadir-se da escola, outras (os) insistiram em permanecer, mas sempre com o alerta de parecer o *mais normal* possível, visto que o menor sinal de subversão à norma heterossexual estabelecida pode desencadear reações que variam de chacotas a agressões físicas, passando por constrangimentos de toda ordem. (MEIRELES, RAIZER e MARGOTTO, 2011, p. 21)

Nesse sentido, embora o número de produções tenha aumentado no decorrer dos anos, ainda há muito trabalho a fazer, muitos direitos para conquistar, ou seja, a igualdade ainda está longe de acontecer. Por isso, precisamos de mais pesquisadores interessados em tomar a diversidade sexual na escola como objeto de estudo. O conhecimento é fruto do trabalho dos seres humanos e ele tem uma capacidade incrível de transformá-los, assim como as práticas pedagógicas, as lutas dos movimentos sociais e as relações sociais, ou melhor, o conhecimento possibilita a construção de um mundo melhor para todos/as. Vejamos, no gráfico 2, o número de produções e datas de publicações:

Gráfico 2 – Distribuição da produção acadêmico-científica, sobre diversidade sexual na escola no período de 2005 a 2015.



3. Programas de pós-graduação, áreas de conhecimento e a escolha da diversidade sexual como objeto de investigação



Outro ponto a ser discutido refere-se à região do país e a instituição de ensino superior a que o estudo foi desenvolvido. Identificamos 18 instituições de ensino com produções sobre diversidade sexual na escola, no período de 2005 a 2015. Nenhuma delas produziu um número elevado de trabalhos e a maioria realizou apenas uma pesquisa nesse espaço de tempo. A UNESP é a instituição que se destacou com 4 pesquisas, e depois, a USP e a UFRGS, com 3 trabalhos cada uma. Por isso, a região Sudeste do país foi responsável por 13 publicações (46,4%), o Nordeste por 7 (25%), o Sul por 6 (21,4%), enquanto que o Norte e o Centro-Oeste foram responsáveis por apenas uma publicação (3,5%) cada.

Diante da configuração desses dados, compreendemos a necessidade de ampliar nossos estudos, isso significa aumentar as possibilidades de apreender as diferentes condições existentes em nossa sociedade e modificá-las. Certamente as relações sociais, as políticas municipais e estaduais, as maneiras de viver, pensar e agir são diferentes de um lugar para o outro e, por isso, precisam ser analisadas e discutidas. São as condições materiais e imateriais de um determinado grupo ou sociedade que compõe a realidade objetiva, concreta e mutável. É essa materialidade que nos dá condições de desvendar as contradições existentes e lutar pelo direito ao respeito, à dignidade, à educação, ao trabalho, à saúde, ao lazer, à vida e à felicidade para beneficiar a todos/as.

Para Karl Marx (1818-1883), a realidade social em que vivemos só pode ser compreendida na sua totalidade, ou seja, no contexto em que o objeto está imerso. Fundamentada nessa perspectiva teórica, Ciavatta afirma

[...] no sentido marxiano, a totalidade é um conjunto de fatos articulados ou o contexto de um objeto com suas múltiplas relações ou, ainda, um todo estruturado que se desenvolve e se cria como produção social do homem [...]. Estudar um objeto é concebê-lo na totalidade de relações que o determinam, sejam elas de nível econômico, social, cultural, etc. (CIAVATTA, 2001, p.132).

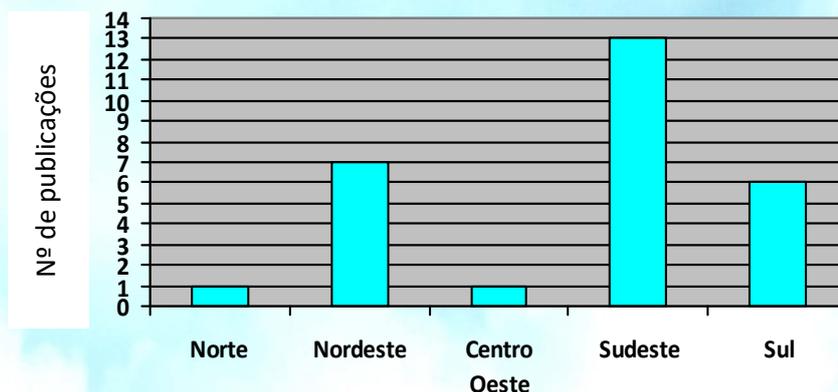
O gráfico 3, a seguir, ilustra as discussões apresentadas:

Gráfico 3 – Distribuição da produção acadêmico-científica sobre diversidade sexual na escola e seus respectivos Programas de Pós-graduação, de acordo com a região: Brasil, 2005 – 2015.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O



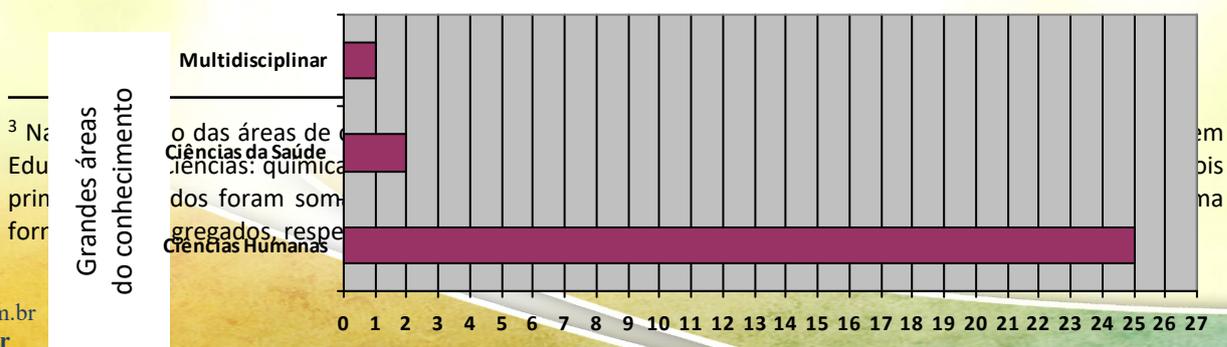
Região do Brasil

Fonte: Banco de dados da BDTD e da CAPES, 2016

Conforme mencionado anteriormente, tomamos conhecimento, por meio da pesquisa realizada por Neto, Zucco, Machado e Piccolo (2011), que apesar da área das Ciências Humanas liderar o número de pesquisas (157 trabalhos) relacionadas ao tema da diversidade sexual, no período 1987 a 2006, a educação responsabilizou-se por apenas 21 trabalhos científicos. Esse dado nos preocupou e, por isso, um dos nossos objetivos, ao realizarmos a revisão bibliográfica, consistia em identificar se a subárea da educação havia demonstrado um maior interesse pela temática da diversidade sexual nos últimos anos.

Vale lembrar, não utilizamos os mesmos descritores e quantidade de banco de dados dos autores mencionados. Enquanto eles buscaram os trabalhos sobre a diversidade sexual, de modo mais abrangente, no banco da CAPES, nós focamos nos trabalhos que apresentaram a articulação entre a diversidade sexual e o espaço escolar, nos bancos de dados da CAPES e da BDTD. Mesmo assim, se feita a comparação entre os recortes temporais das duas pesquisas, observamos um crescimento no número de produções na subárea da educação. No período de 1987 a 2006 (quase duas décadas) foram identificados 21 trabalhos e no espaço de tempo entre os anos de 2005 a 2015 (última década) encontramos 19 trabalhos publicados. Certamente esse número expressa um avanço, pois mesmo diante da especificidade da nossa pesquisa o número de produções praticamente dobrou. Vejamos esses resultados nos gráficos 4 e 5 abaixo:

Gráfico 4 – Distribuição das grandes áreas³ de conhecimento na produção acadêmico-científica sobre diversidade sexual na escola, no período investigado: Brasil, 2005 – 2015.

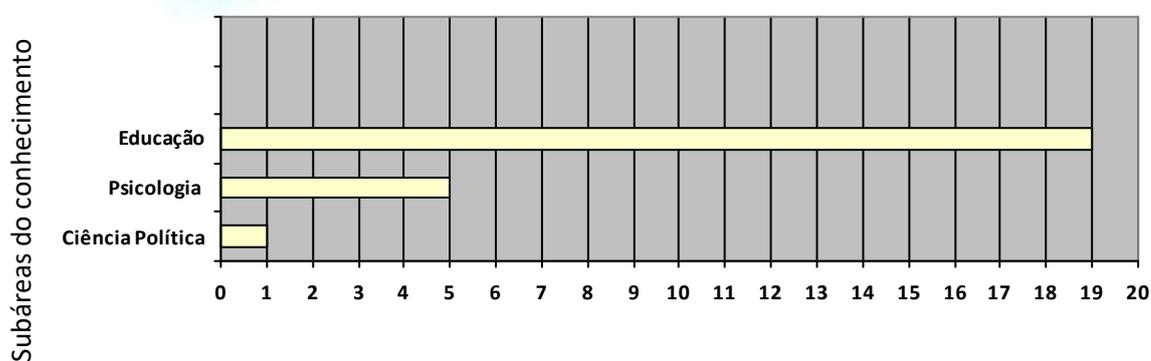


³ Na Educação, as principais fontes de dados são:



Número de produções
Fonte: Banco de dados da BDTD e da CAPES, 2016

Gráfico 5 – Distribuição da produção acadêmico-científica sobre diversidade sexual na escola, segundo subáreas das Ciências Humanas: Brasil, 2005 – 2015.



Número de produções
Fonte: Banco de dados da BDTD e da CAPES, 2016.

Consideramos que, esse aumento no número de pesquisas, na subárea da educação, representa muito mais que um número, evidencia um crescimento na produção de conhecimento e amadurecimento das discussões e reflexões acerca da diversidade sexual na escola. Certamente, no novo contexto educacional brasileiro, existem muitas teorias dedicadas para compreender e explicar a diversidade sexual no espaço escolar e, por esse motivo, nos perguntamos: quais foram os referenciais teóricos-metodológicos utilizados para conduzir essas pesquisas?

4. Os sentidos da diversidade sexual e suas respectivas perspectivas teóricas

Antecipamos que a classificação das teorias identificadas nos 28 trabalhos, da revisão bibliográfica, foi feita com base nas discussões apresentadas por Silva (2010) na obra “Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo”. O autor organiza o debate sobre as teorias do currículo em três grupos: teorias tradicionais, teorias críticas e teorias pós-críticas. Para Silva (2010), as teorias tradicionais correspondem as “teorias” neutras, científicas e desinteressadas. Elas toleram a realidade social e os conhecimentos dominantes. Dedicam-se, prioritariamente, as questões técnicas e objetivas do objeto. As



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

teorias críticas e pós-críticas, por sua vez, não acreditam na neutralidade e no desinteresse de qualquer que seja a teoria, ou seja, todas elas estão implicadas em relações de poder. As teorias pós-críticas, diferente das outras, não fazem afirmações de como a realidade deve ser.

O autor explica que

[...] uma teoria define-se pelos conceitos que utiliza para conceber a “realidade”. Os conceitos de uma teoria dirigem nossa atenção para certas coisas que sem eles não “veríamos”. Os conceitos de uma teoria organizam e estruturam nossa forma de ver a “realidade” (SILVA, 2010, p. 17).

Nesse sentido, a partir da leitura do resumo, do sumário, da descrição metodológica e considerações finais de cada um dos 28 trabalhos, buscamos os conceitos centrais para identificar as teorias utilizadas pelos pesquisadores e como esses analisaram os dados das suas pesquisas. Vejamos os dados no quadro 1, a seguir:

QUADRO 01: Classificação teórica das teses e dissertações que tratam da temática: diversidade sexual na escola.

Teorias tradicionais	Teorias críticas	Teorias pós-críticas
0	5	23

O quadro nos mostra que os estudos sobre diversidade sexual no espaço escolar têm sido mais discutidos nas teorias pós-críticas. Acreditamos que o fato de tantos pesquisadores adotarem alguns elementos da análise pós-estruturalista em suas investigações se deve, principalmente, por duas motivações: a revolução científica e o pensamento marxista ortodoxo.

No que se refere a revolução científica, o movimento intelectual, pós-modernista, iniciado em meados do século XX, investe contra as “[...] noções de pureza, abstração e funcionalidade que caracterizam o modernismo na literatura e nas artes” (SILVA, 2010, p. 111). Esse movimento critica duramente as teorias modernas com pretensões totalizantes do conhecimento, pois “[...] prefere o local e o contingente ao universal e ao abstrato” (ibidem, p. 114). Para o pós-modernismo, o sujeito moderno é concebido como aquele que detém o controle das próprias ações, ou seja, é um sujeito livre e independente para agir no meio social. Sua consciência além de estar no centro das suas ações, não aceita divisões e contradições. Distintamente, para o movimento pós-modernista

[...] o sujeito não converge para um centro, supostamente coincidente com sua consciência. Além disso, o sujeito é fundamentalmente fragmentado e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dividido. Para a perspectiva pós-modernista, nisso inspirada nos *insights* pós-estruturalistas, o sujeito não é o centro da ação social. Ele pensa, fala e produz: ele é pensado, falado e produzido. Ele é dirigido a partir do exterior: pelas estruturas, pelas instituições, pelo discurso. Enfim, para o pós-modernismo, o sujeito moderno é uma ficção (SILVA, 2010, p. 113-114).

Como podemos observar, as teorias pós-críticas ou pós-estruturalistas, fazem parte do movimento pós-modernista e em oposição às teorias críticas modernas, apresentam novos modos de pensar e compreender o mundo em que vivemos. Kuhn (1994), estudioso da história das ciências, já dizia que a revolução científica acontece quando o novo exige da comunidade científica outros caminhos para a produção do conhecimento. Nesse sentido, Caimi (1999), ao discutir a produção do conhecimento histórico, afirma que após a década de 80

A forte influência da hermenêutica procurou trazer o homem ao centro da história, que passou a ser movimentada não pelo viés econômico (modos de produção), mas pela ação dos indivíduos. A aproximação da história com outras ciências gerou a interdisciplinaridade, de forma que a especificidade de cada uma tende a se perder nesse contato. Os novos temas contemplados procuraram resgatar os excluídos da história – mulheres, homossexuais, loucos, etc (CAIMI, 1999, p. 52-53).

Consideramos legítimo o nascimento de novos paradigmas, pois o conhecimento é dialético. As críticas permitem discussões e reflexões no meio acadêmico e a diversidade teórica merece respeito. No entanto, a forma pela qual faz sentido, a nós pesquisadores, ver e compreender o mundo é própria de cada um, ou seja, adotar uma teoria em detrimento de outra não é questão de escolha, mas de identificação. Como mencionado anteriormente, cada teoria possui conceitos específicos que chamam nosso olhar para determinados elementos do objeto que estamos investigando, é como se fosse uma lente que se ajusta aos nossos olhos e nos permite ver melhor para apreender.

Embora novas teorias se apresentem no meio acadêmico, a teoria marxista não foi superada, pois um dos princípios dessa perspectiva é a luta pelos direitos iguais para todos/as. Na dialética das relações, os desafios e problemas sociais se renovam e precisam ser enfrentados e resolvidos pelo grupo. Para a teoria marxista, buscar soluções para o bem coletivo se constitui como um dever, como uma questão de ética e, portanto, ela tem condições de compreender e discutir as questões relativas à diversidade sexual no espaço escolar.

No que diz respeito a discussão sobre os pesquisadores marxistas ortodoxos, compreendemos que uma teoria pode suscitar pontos de vista diferentes. A



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

metodologia é a mesma, mas há uma flexibilidade no modo de compreender esses conceitos centrais. No marxismo, por exemplo, há uma divisão entre pesquisadores considerados ortodoxos e aqueles, flexíveis e abertos a novas reflexões. Souza (2007) explica que se há mesmo diferentes interpretações do marxismo é

[...] porque suas idéias e práticas não são fechadas, dogmáticas, isentas de uma autocrítica, mas porque sua capacidade de polemizar é que atesta a sua vitalidade nos diversos momentos e problemas históricos. Os textos marxianos mostram um constante desenvolvimento intelectual no seu pensamento, sempre dentro da dinâmica crítica e revolucionária (SOUZA, 2007, p. 7).

Alguns pesquisadores mais tradicionais, entendem a luta das minorias como uma afronta a organização da classe trabalhadora, acreditam que esses movimentos acabam por fragmentar a classe oprimida e enfraquecer a luta por uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Grande engano. É o preconceito, a discriminação e a violência que separam as pessoas. Por isso, as normas que regem a sexualidade precisam ser constantemente questionadas e modificadas para que todos/as possam usufruir de direitos iguais.

5. Considerações finais

As discussões realizadas nesse trabalho, possibilitaram-nos descobrir os caminhos percorridos pela ciência para compreender a diversidade sexual. Os estudos sobre a diversidade sexual no Brasil tiveram início na segunda metade da década de 80 e, a partir daí as pesquisas expandiram-se e intensificaram-se nas mais diferenciadas áreas do conhecimento. As Ciências Humanas se destacam e apresentam um número mais expressivo de produções científicas, entre os temas mais pesquisados estão a sexualidade, o gênero, a identidade sexual, a política sexual, a homossexualidade, a homofobia, os direitos humanos e as doenças sexualmente transmissíveis.

Foi inesperado tomar conhecimento que a educação demorou a se interessar, efetivamente, pelos estudos sobre diversidade sexual e nos preocupa a lentidão na qual se insere nesse debate. No que se refere aos estudos sobre a diversidade sexual no espaço escolar a sua contribuição ainda é muito limitada. É claro que esse dado é compreensível se analisado no contexto histórico, político, econômico e social em que vivemos, mas não a isenta de maior inserção nessas discussões. Acreditamos que o debate e a compreensão sobre as diferentes formas de viver e expressar a sexualidade possibilitará à escola, assim como a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sociedade de modo geral, a constituição de um espaço de respeito e valorização da diversidade sexual.

A nossa defesa é pelo maior enfoque da educação nos estudos sobre a diversidade sexual no espaço escolar. Essa discussão é urgente na academia, nas políticas educacionais, nos programas e cursos de formação, inicial e continuada de professores/as, e na escola. Nesse sentido, as concepções de sexualidade e diversidade sexual precisam ganhar caráter científico para romper com ideias do senso comum que fortalecem atitudes preconceituosas e discriminatórias.

6. Referências

CAIMI, Flávia Eloisa. O livro didático: algumas questões. In: DIEHL, A. (Org.). **O livro didático e o currículo de história em transição**. Passo Fundo: Edupf, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. (orgs.). **Teoria e Educação no Labirinto do Capital**. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva: 1994.

MEIRELES, Ariane Celestino; RAIZER, Eugenia Célia; MARGOTTO, Lilian Rose. Diversidade sexual nas políticas educacionais brasileiras: uma abordagem crítica preliminar. In: **Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES**, Vitória: v. 1, n. 1, 2011.

SIMÕES NETO, José Pedro; ZUCCO, Luciana; MACHADO, Maria das Dores; PICCOLO, Fernanda. [A produção acadêmica sobre diversidade sexual](#). In: **Em Pauta**, Rio de Janeiro: v.9, n.28, Dez/2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo**. 3º Ed. Editora Autêntica: 2010.

SOUZA, Antonio Carlos. **Fundamentos da ética marxista: a crítica radical da sociedade capitalista, as mediações políticas para construção da emancipação humana**. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2007.